



CULTURA INDÍGENA: UM NOVO OLHAR A PARTIR DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS E DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS VIVENCIADAS NA ESCOLA.

Rosana de Barros Gabriel¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar as experiências na modalidade de educação escolar indígena, mais propriamente com o componente curricular: Educação Física. Este componente foi ministrado através do curso de formação para professores em nível médio, que ocorreu no território indígena kadiwéu, Aldeia Bodoquena, município de Porto Murtinho, MS. Atendeu as etnias residentes em todo território: Kadiwéu, Kinikinau. Embasada na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional lei nº 9394/96, bem como outras bibliografias, o presente artigo trata das necessidades para o desenvolvimento das habilidades e competências nos discentes, pensando a contínua preocupação em vincular a revitalização cultural ao processo de ensino-aprendizagem utilizando como alicerce a prática esportiva e as brincadeiras tradicionais destes povos.

Palavras-chave: Revitalização da cultura indígena; Formação de professores indígenas; Brincadeiras tradicionais.

ABORIGINAL CULTURE: A NEW TO LOOK AT FROM THE PRACTICAL ESPORTIVAS AND OF THE LIVED DEEPLY TRADITIONAL TRICKS IN THE SCHOOL.

ABSTRACT

This article has for objective to tell the experiences in the modality of aboriginal pertaining to school education, more properly with the curricular component: Physical education. This component was given through the course of formation for professors in average level, that occurred in the aboriginal territory kadiwéu, Bodoquena Village, city of Murtinho Port, MS. To take care of the resident groups in all territory: Kadiwéu, Kinikinau. Based in the Federal Constitution of 1988, in the Law of Lines of direction and Bases of the National Education law nº 9394/96, as well as other bibliographies, the present article deals with the necessities for the development of the abilities and abilities in the learning, thinking the continuous concern about tying the culture revitalizing with the teach-learning process using as foundation the practical sport and the traditional tricks of these peoples.

Keywords: Revitalizing of the aboriginal culture; Traditional formation of aboriginal professors; Tricks.

¹ Licenciatura Plena em Educação Física pela FEFISA – Faculdade de Educação Física de Santo André; Pós-graduada em Educação pela PucMinas, Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior pela UNIGRAN-MS, e-mail: nocegete@tvdebrinquedo.brtdata.com.br



1 INTRODUÇÃO

A partir da Constituição Federal de 1988, assuntos relacionados às populações indígenas vêm sendo amplamente discutidos, continuamente leis são criadas. Um destes assuntos em destaque refere-se a educação escolar destes povos. Também com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional lei nº 9394/96, várias novas leis descritas em artigos, incisos e parágrafos surgem. Entre elas, o artigo 78, "O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrantes de ensino e pesquisa, para a oferta de educação bilíngüe, intercultural aos povos indígenas". (BRASIL,1996, p.30). Neste caso específico foi atribuída à União a incumbência da organização plena da escola indígena, com a responsabilidade de envolver todos os traços étnicos e culturais destas comunidades. Esta lei possibilitou as comunidades indígenas a construção de uma nova história de educação escolar para seus povos, uma vez que tem como pauta o respeito a diversidade. A bem da verdade, praticamente duas décadas se passaram, desde a promulgação da Constituição Federal e muito há de se transformar para que populações indígenas entre outros grupos minoritários, sejam plenamente respeitadas em todos os seus direitos sócio-político-econômico e cultural. A luz deste entendimento, o objetivo desse trabalho é contar como se deu o curso para formação de um grupo de professores indígenas Kadiwéu e kinikinau no tocante à disciplina de Educação Física, tendo em vista a cultura do índio, seus jogos e brincadeiras. Afim de que fosse garantida a diversidade em níveis que não somente a língua, mas também outras áreas da expressão do movimento como o teatro, a dança e a expressão corporal, procurou-se nesse artigo ressaltar os jogos tradicionais e seu processo simbólico inserido numa cultura de massa, portanto dominante. O artigo procura ainda traçar um painel das metodologias implementadas, permeadas por objetivos multi-culturais encontrados no projeto de formação pensado para a área de educação física.

Sob uma perspectiva científica, este texto consiste em pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Foram utilizados questionários como instrumentos de coleta de dados.

2 OBJETIVOS

Pretende-se com este artigo, relatar a experiência vivenciada pela autora como ministrante do componente curricular Educação física para as etnias já mencionadas. Com relação ao conteúdo deste, iniciamos com o registro da fundamentação teórica pesquisada pela autora, que objetivou buscar subsídios consistentes que pudesse alicerçar seu trabalho como professora. Encontraremos a seguir um breve histórico sobre o território e a educação escolar da comunidade. Continuando, a partir do desenvolvimento encontraremos passo a passo os caminhos trilhados pela autora durante o curso, desde o seu planejamento à sua conclusão. Por final, efetuamos algumas reflexões e considerações, sobre as escolas do território Indígena Kadiwéu, bem como dos discentes que freqüentaram o curso.



3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Atualmente encontramos várias bibliografias que se referem a valorização da pluralidade cultural brasileira. Entre elas, os P.C.N.-Temas Transversais (2001), que define pluralidade cultural como “a afirmação da diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, e o fato de que a humanidade de todos se manifesta em formas concretas e diversas de ser humano” (PCN, 2001, p.19). Contudo na visão de Barks (1999), a diversidade é reconhecida, porém ela é hierarquizada e o papel exercido pela escola como compensadora cultural, termina sendo insuficiente, o que na realidade termina por negar as diferenças culturais (BARKS, In apud CANDAU, 2002, p.85). Ele conclui dizendo que a escola é reprodutora de uma cultura homogênea e monocultural e é essencial que esta seja totalmente transformada. Candau (1997) afirma que “a identidade cultural não pode ser reduzida à um mero subproduto ou reflexo da estrutura social vigente na nossa sociedade” (CANDAU, 1997, p. 240).

A bem da verdade, desde a invasão de 1.500, o povo brasileiro, em especial os grupos minoritários, encontram-se envoltos em um processo de dominação, e permanecem nos dias atuais com a falsa idéia de globalização como processo de inclusão. Neste sentido a escola reproduz a ideologia do seu tempo, ou seja, a desigualdade social, a exclusão, a submissão, obediência, alienação das classes dominadas em detrimento do sistema capitalista. Parafraseando o Coletivo de Autores (1992), a dominação da classe proprietária, mascara a realidade social e o conflito entre as classes sociais, com o tempo se intensificam os conflitos.

Nestes conflitos, desencadeiam-se crises, e são destas crises que surgem as pedagogias. Como exemplo temos a erradicação do analfabetismo, a inclusão, entre outras. Neste sentido toda e qualquer atitude educativa deve ser amplamente pensada, discutida e elaborada a partir de um Projeto Político Pedagógico claro, e pautado no questionamento: Qual o projeto de sociedade e de homem que pretendemos desenvolver ? Quais os interesses de classe que perseguimos?

3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA

O Território Indígena Kadiwéu está localizado ao norte do município de Porto Murtinho, no Estado de Mato Grosso do Sul e possui uma área equivalente a 538.536 hectares de extensão. Ao longo de suas terras, existem cinco aldeias, sendo que todas possuem escola. Nas aldeias denominadas Bodoquena, Campina, Tomázia e Barro Preto, a predominância étnica é de índios kadiwéu, enquanto que na aldeia São João, a maioria étnica é de índios kinikinau.

As escolas da aldeia que antes eram administradas pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI, passaram a partir de 1997 a ser responsabilidade administrativa da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal de Porto Murtinho. Mudança ocasionada pela Constituição Federal de 1988², através do artigo 22, Inc. XIV; 210, caput e §2º; dos artigos 215; 231; 232, que entre outras coisas, rompeu com a política de integração regente e passou a garantir os direitos à diferença e à autonomia dos povos indígenas. Conseqüentemente criou-se a modalidade de Educação Escolar Indígena, assumindo, portanto, o princípio do reconhecimento da diversidade lingüística e sociocultural brasileira. A partir destas

² Brasil, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, art. 22, Inc. XIV; 210, caput e §2º; art. 215; art. 231; art. 232, 1988, p.30, 124, 126, 132.



várias outras leis foram criadas, a fim de garantir e regulamentar o direito a “uma educação escolar indígena, intercultural, bilíngüe, específica e diferenciada”³. Todo esse processo fez com que as comunidades indígenas passassem a ter uma maior autonomia na educação escolar de seu povo.

A partir de 1998, a Prefeitura Municipal de Porto Murtinho preocupada com o cumprimento dos novos paradigmas da educação brasileira, entre outras ações, procurou proporcionar aos professores indígenas do território vários encontros de capacitação continuada. Dentre estas capacitações, em julho de 2000 e 2001, ocorreram respectivamente, a III Etapa de Capacitação Continuada de Professores do Território Indígena Kadiwéu e o Encontro Preparatório de um curso de formação a nível médio. Para estes encontros, foi solicitado um profissional da área de Educação Física, que completou o grupo de professores ministrantes das capacitações. Conseqüentemente a atuação deste profissional desencadeou o diagnóstico desta pesquisa.

Durante e ao final das capacitações ocorreram momentos de avaliação, que contaram com a participação da comunidade escolar. A respeito das avaliações, encontramos vestígios nos escritos de SILVA e SOUZA (2001), onde são observados momentos de grande satisfação, não só por parte dos professores índios, como também por parte da comunidade, o que resultou na solicitação de novas ações:

Partindo de reivindicações das próprias comunidades indígenas, desejosas de contar com profissionais índios, habilitados para administrarem os trabalhos nas escolas localizadas nas aldeias, é que se refletiu e elaborou-se o Projeto EJIWAJEGI-XANÉ (SILVA; SOUZA, 2001, p.02)⁴.

Com a elaboração e respectiva aprovação do Projeto “EJIWAJEGI-XANÉ” iniciou-se em janeiro de 2002, o Curso Normal em Nível Médio – Formação de Professores Kadiwéu e Kinikinau. Ele foi oferecido sob a forma de período de alternância com etapas intensivas, etapas intermediárias e estágio supervisionado. Em fevereiro de 2004, vinte 20 jovens professores participaram da cerimônia de formatura, dos quais atualmente aproximadamente trinta por cento estão freqüentando o ensino superior em universidades públicas. Vale lembrar que o projeto foi financiado pelo Programa Fome Zero.

Todo o percurso deste aprendizado se deu de forma enriquecedora, dinâmica e compartilhada, o que quer dizer que além da autora citada, os alunos têm parte significativa na construção deste trabalho.

Esperou-se que com o curso, as práticas desenvolvidas na escola pudessem se estender para todos os moradores da aldeia, proporcionando-lhes momentos de lazer e recreação através das manifestações tradicionais de sua cultura. A revitalização da cultural local, além de ser uma solicitação dos novos paradigmas da educação nacional, surge como uma das preocupações existentes entre os líderes tribais e anciãos da aldeia, que alertam sobre a perda da identidade étnica entre os mais jovens. Nos escritos de VINHA (1998), podemos encontrar a constatação deste fato:

³ BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Lei 9394 – Diretrizes e Bases Nacionais. Brasília, DF: MEC/CNE, art. 78 -Incisos I e II, 1996, p.30.

⁴ SILVA, Giovanni José da; SOUZA, José Luiz de. Projeto “EJIWAJEGI-XANÉ”. Porto Murtinho-MS, 2001, p.02.



[...] essa gurizada só se interessa de ir e jogar, não está interessado em mostrar sistema nosso, o índio cavaleiro, negócio de jogo de peteca, alguma outra “festa” que o índio faz. Não só esse jogo de bola, mostrar a tradição do índio não tem.

[...] fiquei tão envergonhado quando fui em Goiânia [Jogos Indígenas, INDESP/1996], para não mostrar nenhuma festa do índio Kadiwéu não, nada, nada.

[...] esse negócio de jogo de bola vem com o branco, já vai acabando aquele sistema dos nossos costumes. Não é para acabar, tem que demonstrar para o jovem o que o passado do índio também vai acabando porque eles já têm vergonha de contar (L.R.)⁵.

A partir do cruzamento entre o Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas, a proposta político pedagógica do curso e o diagnóstico colhido, pudemos estabelecer, quais seriam os objetivos gerais a serem alcançados pelos discentes. Portanto, ficou estabelecido que ao final do curso, para que os alunos estivessem aptos a ministrar aulas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, eles deveriam desenvolver as seguintes habilidades e competências:

- Entender a importância do conhecimento dos movimentos voluntários do ser humano, a fim de aplicá-los de forma cooperativa e construtivista, levando os alunos à conquista de sua autonomia e cidadania. Sendo esta uma fase importantíssima para a formação corporal e cognitiva da criança, é dever do professor fazer com que os alunos passem a ter a oportunidade de aprender sobre os movimentos solicitados na realização de atividades motoras do seu cotidiano, prestando mais atenção ao seu corpo, rompendo barreiras com a realização das diversas atividades, o que deverá propiciar uma otimização e potencialização desses movimentos.
- Desenvolver aulas que extrapolem as demarcações da quadra, promovendo a consciência dos movimentos, do bem estar social, que possibilite o exercício crítico da cidadania para obtenção de melhor qualidade de vida.
- Elaborar seu planejamento anual, bem como os planos de aula de acordo com as faixas etárias, pensando a interdisciplinaridade como sendo importante ferramenta na confecção destas. Sabendo articular outros conteúdos do currículo oficial em suas aulas.
- Utilizar-se do Registro em suas aulas diárias, a fim de melhor avaliar o desenvolvimento das habilidades e competências de seus alunos e dar subsídios para a elaboração dos próximos planos de aula.
- Conhecer e aplicar a Educação Física relacionada à Saúde, a Educação Física Escolar e Esportiva: propondo atividades desafiadoras, problematizadoras, com enriquecimento e ampliação das possibilidades de interação dos alunos com o meio; permitir-lhes a utilização de novos conceitos na explicação dos fenômenos da prática social e nas mais diversas situações.
- Utilizar-se da Cultura Indígena com a finalidade de revitalizá-la e vinculando-a a proposta pedagógica da escola.
- Despertar o gosto pela pesquisa científica.

4 DIAGNÓSTICO

⁵ CF.L.R. citado por VINHA, M., Índio Kadiwéu: Rivalidade e Competitividade, Diferentes Sentidos entre Duas Memórias. CONEXÕES: educação, esporte, lazer, Campinas, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, n.3, 1998, p.58.



O contato inicial que ocorreu através das capacitações, configurou-se em um processo investigativo, que demonstrou-nos qual a real situação da Educação Física existente nas escolas do T.I.K.⁶ Durante este processo procuramos saber como as aulas eram ministradas, como ocorria o planejamento destas aulas e quais as expectativas quanto ao aprendizado deste componente.

Segundo depoimento dos professores indígenas, os conteúdos aplicados baseavam-se nas aulas ministradas pelos antigos professores não-índios, onde basicamente aplicava-se o:

- Futebol: com predominância ao sexo masculino;
- Atividades físicas voltadas para o condicionamento físico, interesse herdado por conta do estreito contato com militares;
- Brincadeiras de roda como, ciranda-cirandinha, corre cutia...

Constatamos também que nenhum professor efetuava qualquer tipo de planejamento anual ou plano de aula, ou seja, tudo o que era ensinado nas escolas da aldeia, eram conteúdos provenientes da observação e participação nas aulas dos professores não índios. Atividades relacionadas a cultura indígena dos povos que habitam o território, não eram consideradas como conteúdos aplicáveis no cotidiano escolar.

Pudemos a partir daí observar que o trabalho escolar não estava vinculado à cultura étnica. A lei 9394/96 prevê através do artigo 78, inciso I – “proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências”.⁷ O que na verdade significa afirmar a existência de dois mundos totalmente dissociados, desconectados.

Não queremos dizer com isso que o currículo não deva privilegiar a pluralidade cultural, o que queremos é chamar atenção para as conseqüências do processo de massificação e submissão a que as comunidades indígenas são submetidas. Só o que é da sociedade envolvente é importante, é melhor e, portanto deverá ser a única fonte para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizado. A escola é do outro e não do índio.

Por vários depoimentos, pudemos constatar todos os anos de repressão vividos pela comunidade, onde a escola servia de método de transição do índio selvagem para o domesticado. Nas dependências da escola, não era permitido falar a língua materna ou qualquer outra manifestação cultural. Somente no dia 19 de abril, se “vestiam de índio” para mostrar aos visitantes.

Nas palavras de Apple, é necessário que reflitamos sobre a escola, já que é o organismo dentro da nossa sociedade que tem sua mecanicidade ligada à reprodução da desigualdade. Uma lei, uma ética. O paradigma de um determinado grupo social:

[...] as tradições que dominam a área ajudam na reprodução da desigualdade e ao mesmo tempo servem para legitimar tanto as instituições que a recriam quanto nossas próprias ações dentro delas. Isto não significa

⁶ T.I.K. Significa Território Indígena Kadiwéu.

⁷ Ibidem 3, art. 78 -Incisos I, 1996, p.30.



afirmar que algumas crianças, individualmente, não estão, muitas vezes, sendo ajudadas por nossas práticas e nosso discurso; nem significa afirmar que todas as ações de nosso dia-a-dia estão na direção errada. Isto significa dizer que macroeconomicamente o nosso trabalho serve a funções que pouco tem a ver com nossas melhores intenções (APPLE, 1989, p.29).⁸

Continua nas palavras de Ailton Krenak:

[...] no caso das comunidades indígenas, que leve em conta que aquela gente precisa ter a oportunidade de construir a sua própria educação. Inclusive porque a gente vem de uma tradição muito, muito antiga. Provavelmente anterior à idéia de escola (KRENAK, 1996, p.95).⁹

As expectativas quanto ao aprendizado de novos conteúdos, estavam voltadas predominantemente para os esportes coletivos e em especial as regras de futebol, futebol suíço e futsal. Encontramos nestas comunidades pessoas apaixonadas pelo futebol brasileiro. Em todas as aldeias do território, sabe-se da existência de pelo menos um campinho para a prática desde esporte. Esta atividade ocorre quase que diariamente e na verdade sua prática é independente da escola. Observamos a existência do futebol em praticamente todas as aulas de Educação Física, e principalmente fora delas.

Muito sucintamente compartilhamos momentos voltados à metodologia do ensino da Educação Física, pois naquele momento procuramos sensibilizá-los sobre a responsabilidade e a importância em aplicar corretamente atividades adequadas às faixas etárias correspondentes à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Estrategicamente, utilizamos com maior ênfase atividades práticas, e esboçamos o que seria um plano de aula, bem como suas etapas. O grupo mostrou-se muito receptivo, e vislumbrando novas possibilidades, elaboramos em conjunto e em caráter provisório e emergencial os conteúdos deste componente, para que pudessem desenvolvê-lo durante o ano letivo.

Até aquele momento, não ocorreram contribuições por parte dos professores indígenas, na indicação de brincadeiras ou jogos tradicionais que pudessem compor o currículo elaborado. As sugestões se pautaram apenas em brincadeiras e jogos da sociedade envolvente.

Muitos escritos nos trouxeram subsídios importantíssimos para que pudessemos dar um norte ao nosso trabalho, mas em especial os de Maria Beatriz Rocha Ferreira e Marina Vinha. As pesquisadoras apresentaram dados bibliográficos sobre os jogos constitutivos de cultura Mbayá-Guaicurú, presentes nas manifestações sociais dos Kadiwéu, a partir do século XIII até nossos dias. Gostaríamos de reforçar o embasamento teórico que tanto contribuiu no percurso deste trabalho e aqui nos referimos aos escritos do Coletivo de Autores (1992), que com inspiração no materialismo histórico de Marx, defendem a Educação Física com:

⁸ APPLE, Michael W. Educação e Poder. Tradução de Maria Cristina Monteiro. 2. reimp. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 29.

⁹ DAYRELL, Juarez.(Org.). A Educação Indígena: As Relações entre Cultura e Identidade. In: _____. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. 2. reimp. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996. p. 95.



[...] matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros (1992, p.18).¹⁰

5 ETAPA PRESENCIAL

Nosso próximo passo foi à elaboração de uma pesquisa de campo, que se caracterizou como uma tarefa a ser cumprida pelos discentes na etapa intermediária. Contendo questionamentos básicos sobre esporte, dança, lutas, brincadeiras, etc., os alunos deveriam aplicá-la na comunidade para pessoas de diversas faixas etárias, em especial aos mais idosos. O objetivo era diagnosticar para revitalizar o que ainda estava vivo na memória de cada participante. Também foram colhidos dados estatísticos sobre alcoolismo, tabagismo e outras atividades físicas do cotidiano, como caça, pesca, etc. Com o retorno desta pesquisa, pudemos analisar, organizar e planejar o desenvolvimento da etapa presencial. Como o objetivo de qualquer professor é levar os alunos a pensar, refletir, construir, etc., durante nossas aulas presenciais, retomamos a pesquisa para que junto pudéssemos analisá-la.

A construção deste processo ocorreu através do diagnóstico inicial, de pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo apresentada pelos alunos. Sendo assim, os passos a seguir foram construídos de forma que levassem os cursistas a perceberem a importância da reflexão de cada momento apresentado, para que as ações praticadas enquanto docentes, sejam práticas que tenham como prioridade a revitalização dos jogos e brincadeiras tradicionais.

5.1 Propósito da etapa

Após a apreensão do conteúdo teórico e prático, bem como a análise da pesquisa aplicada na comunidade local, os alunos terão condições de construir um planejamento adequado para as escolas do território. Desenvolvendo assim planos de aulas condizentes com a realidade local. Refletindo e, portanto moldando as aulas de forma diferenciada, apropriada e também revitalizando a cultura indígena.

5.2 Ação Conjunta

Trabalhamos incessantemente através de pesquisas, leituras, trocas, práticas, reflexões os seguintes pontos:

- A importância de perceber o momento histórico dos diferentes povos;
- Pesquisa a respeito de seus jogos tradicionais, ou seja, revitalizar a cultura local;
- Pesquisa com a comunidade local;
- Análise da coleta de dados;
- Reflexão sobre a coleta de dados;
- As atividades físicas praticadas pela antiga geração da aldeia;
- As atividades físicas praticadas pela nova geração da aldeia;
- O motivo das diferenças das praticas de atividades físicas relacionados com a antiga e nova geração e seus significados;

¹⁰ Ibidem 1, p.18.



6 DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 Jogos e cultura local

Por parte dos alunos ficou registrado que realmente a prática de atividades esportivas bem com de brincadeiras, tanto no ambiente externo, como no interno da escola, estão vinculadas às praticadas pelos não-índios. Comentou-se inclusive que a frequência com que festejavam havia diminuído, e que nos últimos anos de festejo do dia do índio, (momento em que ainda se manifestam culturalmente) foi extremamente complicado conseguir reunir as pessoas para dançar na hora de apresentarem para os convidados suas danças tradicionais.

[...] tive que inclusive chamar com palavras severas. Utilizei o nosso idioma para que as outras pessoas não percebessem. Depois de um tempo, apareceram e nós dançamos para os convidados. Mais foi duro juntar o pessoal. E agora pensando sobre tudo que estamos refletindo aqui, é bem verdade que ninguém está ligando mais para a nossa cultura e nós precisamos fazer alguma coisa (G.P. dezembro de 2003 - fonte oral)¹¹.

Fica assim destacado:

- A importância de se pesquisar sobre a entrada (porque, quando e como) dos jogos da sociedade envolvente dentro da comunidade indígena;
- Pesquisa a respeito de seus jogos tradicionais, ou seja, revitalizar a cultura local;
- As diferenças entre competição, treinamento de rendimento e Educação Física para escola.
- Histórico da Educação Física;
- Jogos Olímpicos e Jogos Indígenas;
- Reflexão e Atividade:
 - Qual o objetivo dos jogos na sociedade envolvente?
 - Qual o objetivo dos jogos indígenas ou em sua comunidade?
 - Qual a situação atual da Educação Física no T.I.K?
 - Problemas e soluções;
 - Competição: Qual era o seu sentimento, quando nas aulas práticas, você perdia, e como os colegas lhe tratavam?

6.2 Educação e desenvolvimento psicomotor

Por parte dos alunos ficou registrado mais uma vez que a atual geração estava praticando esportes que condizem muito mais com a sociedade envolvente. Refletimos muito sobre o fato dos membros da comunidade não brincarem mais de “Chueca” e até mesmo sobre a possibilidade de demonstração da brincadeira nos jogos indígenas.

¹¹ Depoimento colhido oralmente durante o Curso Normal em Nível Médio – Formação de Professores Kadiwéu e Kinikinau, componente curricular Educação Física, ministrado pela professora especialista Rosana de Barros Gabriel (2003).



Lógico que esta apresentação seria para demonstração da nossa cultura e nós não iríamos a fundo, como a gente praticava até virar luta (J.R., dezembro de 2003 - fonte oral).¹²

[...] era feita uma bola de caraguatá, tiravam uns fiapos e faziam aquela bola, faziam dois times para disputar. Era “esporte” muito violento, era “esporte sem respeito”. Nesse esporte era feito um taco e, feito um cesto e você batia aquela bola. O alvo era acertar a bola, não precisava fazer gol, fazer cesta, alguma coisa disso. Não importava onde a bola fosse, tinha que ir junto se pegasse em vasilhas, se a bola batesse na cerâmica, aqueles “praticadores” do esporte batiam na cerâmica, derrubavam tudo o que estivesse na frente. Também não queriam saber se pegou na canela do outro, se pegou no nariz e quando havia uma certa briga, durante esse esporte, eles deixavam dos bastões e lutavam. Lutavam com quem viessem na frente já entrava na diferença e fazia essa luta toda (D.S., fonte oral, 1999, p.80).¹³

Fica assim destacado:

- A importância de se perceber que a Educação Física vem com a proposta de acrescentar conteúdos mais complexos, novas idéias, com o objetivo do conhecimento / aprendizado através do corpo, além do desenvolvimento lógico matemático;
- Além de conhecer na teórica e na prática toda a metodologia dos mesmos.
- Evolução da Educação no Brasil;
- Desenvolvimento psicomotor e atividades a serem desenvolvidas;
- Jogos de Raciocínio;
- Reflexão pedagógica, e metodologia utilizada para os anos iniciais do ensino fundamental.

6.3 Educação Física

Por parte dos alunos ficou registrado que é possível continuarmos nosso trabalho utilizando o conhecimento dos não-índios. Agregando este conhecimento à nossa cultura. “Não seria a substituição de uma pela outra, mais a união para a continuidade da existência da nossa” (M.A., dezembro de 2003 – fonte oral).¹⁴

- Conhecer e analisar a Educação Física da sociedade envolvente, e ter subsídios para a construção da mesma no território.
- Leitura do RCNEIs¹⁵:
 - Dentro e fora da escola: a educação física específica e intercultural;
 - Debate e conclusão da primeira parte;
 - Continuação da leitura (Dos três motivos):
 - Divisão da classe em dois grupos: Grupo ímpar - estudaram o primeiro motivo e o grupo par o segundo e terceiro motivo;
 - Orientações gerais e síntese para apresentação;
 - Apresentações e debate;

¹² Ibidem 11

¹³ VINHA, Marina. Memória do Guerreiro, Sonho de Atleta: Jogos Tradicionais e Esporte entre Jovens Kadiwéu. Tese (mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999, p.80.

¹⁴ Ibidem 11

¹⁵ Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas



- Anotações no caderno de registros.
- Educação Física e a sua intervenção no processo educacional, bases reflexivas;
- Leitura de textos:
- Avaliação, debate e registro.

6.4 Jogos simbólicos

Conhecer as leis é importante para nós, ver o que é possível e o que não devemos fazer mais. E isso significa a construção da escola do índio, feito por ele, porque esta sendo pensada por ele (M.A., dezembro de 2003 – fonte oral).¹⁶

- Conhecer o desenvolvimento psicomotor e tipos de atividade. O entendimento dos mesmos dentro dos ciclos de aprendizagem, analisar a Educação Física da sociedade envolvente, e ter subsídios para a construção da mesma no território.
- Desenvolvimento psicomotor e tipos de atividade:
- Jogos Simbólicos: Tema da aula “a caçada”.
- Estímulos à destreza; Foi trabalhado o jogo de acertar um alvo imóvel com arco e flecha.
- Atletismo (lúdico); corridas diversas e o “Jacaré”, brincadeira do passado.

A partir da compreensão dos conceitos dos itens abaixo relacionados, os alunos desenvolveram atividades condizentes com a cultura indígena.

- Postura
- Jogos Sensoriais;
- Circuito Psicomotor;
- Jogos de Construção;
- Exercícios Construídos;
- Avaliação e registro da atividade.

6.5 Correlação com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Sobre as atividades desenvolvidas no dia de hoje, pudemos brincar de várias coisas que fazemos, e outras que pudemos lembrar até mesmo com a pesquisa que fizemos com nossos memés (Anciãos avós). Foi muito legal divertido e cheguei até a me emocionar, porque nossos filhos não brincam mais dessas coisas que foram parte da nossa vida. Agora trabalhando na escola eu vou poder ensinar e brincar com eles (G.P., dezembro de 2003).¹⁷

- Através do conhecimento destes conteúdos, voltarem para a reflexão da Educação Física que pretendem construir para as escolas do território.
- Áudio-Visual: PCN's¹⁸ em Ação: (Série a escola em discussão)
 - A Educação física é para todos;
 - Viva a diferença;
 - A escola além das aulas.
- PCN's em Ação:

¹⁶ Ibidem 11

¹⁷ Ibidem 11

¹⁸ Parâmetros Curriculares Nacionais



- A Educação física nas escolas da sociedade envolvente;
 - A física que acontece fora da escola;
 - A Educação física na minha comunidade, com exemplos de atividades;
 - Reflexão, debate e registro.
- Atividade: Questionário.

6.6 Jogos que visam cooperação

Com os trabalhos de hoje, pudemos ver que todos devem participar das atividades cada um a seu modo e do seu jeito. Aí a gente precisa lembrar de novo que a competição, aquele que os nossos alunos participam e que muitos ficam de fora, é pratica dos não índios. E a gente faz também, então, porque a gente não faz mais como antigamente, quando a gente fazia atividade para se divertir, para festejar e não para ganhar de ninguém (I.R., dezembro de 2003).¹⁹

- Através do conhecimento didático metodológico, construírem seus próprios planos de aula.
- A importância do alongamento, do aquecimento e do relaxamento;
- Jogos com regras:
- Jogos Pré-esportivos: Foi trabalhado o Basebol; adaptação da “chueca”;
- Jogos Cooperativos: Travessia, adaptação da brincadeira do navio;
- Estrutura dos planos de aula, processo didático metodológico;
- Recapitulação do plano de aula: A Caçada;
- Compreensão da Primeira fase da aula;
- Compreensão da Segunda fase da aula;
- Compreensão da Terceira fase da aula.
- A ligação das fases do plano de aula, desenvolvimento psicomotor, ciclos de aprendizagem e avaliação;
- Reflexão e registro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto ministrante do curso, a autora salienta que a partir do início dos trabalhos, ocorreu uma maior participação da comunidade no cotidiano escolar. Dois anos se passaram após a sua conclusão, e acompanhando de longe, sabe-se que nas escolas do território lecionam professores índios capacitados e preocupados em revitalizar jogos e brincadeiras tradicionais, preocupados em pensar a escola para a evolução da comunidade, mas sem tirar de vista a tradição, a cultura indígena.

Posso ter tudo que o não-índio tem e possuir tudo que ele possui. Só não posso perder de vista quem eu sou, de onde venho e depois deste curso, o que devo fazer para não perder de vista minha cultura e ir em busca do que quase se foi (R.A., dezembro de 2003).²⁰

Com base no término deste estudo, novas inquietações e questionamentos surgiram:

¹⁹ Ibidem 11

²⁰ Ibidem 11



- Sendo o Brasil uma nação multicultural, cada unidade escolar possui suas peculiaridades, e neste sentido não seria também diferente, específica, intercultural e bilíngüe? Estariam de fato as comunidades indígenas libertas da tutela do Estado?
- A escola indígena seguindo o Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas (RCNEIS, 1998), prepara seus alunos para o ingresso ao ensino superior, para o mundo ou ainda para freqüentar qualquer unidade escolar brasileira? Etnias indígenas só devem freqüentar escolas indígenas?

A autora embasada em fundamentação teórica salienta que a transposição do conhecimento científico deve acontecer independentemente do grupo étnico, configurando-se como uma obrigatoriedade para o cumprimento do processo de inclusão dos grupos minoritários em todas as etapas da educação brasileira. Neste sentido os novos questionamentos traçados acima, na verdade são pontos de partida para uma próxima etapa de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, M.W. **Educação e Poder**. Tradução: Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 201 p., 1989.

Brasil, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 415p., 1988.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Lei 9394 – Diretrizes e Bases Nacionais**. Brasília, DF: MEC/CNE, 34 p., 1996.

CANDAU, V.M. (Org.). **Sociedade, Educação e Cultura (s):** questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SOARES, C.L. (Org.). **Coletivo de Autores Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, Coleção Magistério 2º grau. (Série Formação do professor), 119 p., 1992.

DAYRELL, J. (Org.). **A Educação Indígena: as relações entre cultura e identidade**. In: DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, p. 92-95, 1996.

SILVA, G.J.da; SOUZA, J.L.de. **Projeto “EJIWAJEGI-XANÉ”**. Porto Murtinho, MS, p. 46, 2001.

VINHA, M. **A Re-significação das Brincadeiras Tradicionais e da Prática Esportiva entre os Índios Kadiwéu**. CONEXÕES: educação, esporte, lazer, Campinas, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, n.3, p. 111-118, 1998.



_____. **Memória do Guerreiro, Sonho de Atleta:** jogos tradicionais e esporte entre jovens kadiwéu. Tese (mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 142 p., 1999.

_____. **Índio Kadiwéu:** rivalidade e competitividade, diferentes sentidos entre duas memórias. CONEXÕES: educação, esporte, lazer, Campinas, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, n. 3, p. 55-62, 1998.

Recebido: 16/04/2006

Aprovado: 12/01/2007